



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
LICENCIATURA EM TEATRO

MARILIA BOMFIM MELO GONÇALVES

**A PRÁTICA DA NARRATIVA ORAL E OS JOGOS (TEATRAL E DRAMÁTICO)**

Rio Branco – Acre

2011

MARILIA BOMFIM MELO GONÇALVES

**A PRÁTICA DA NARRATIVA ORAL E OS JOGOS (TEATRAL E DRAMÁTICO)**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas, habilitação em Teatro, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Ms. Fernando Martins

Rio Branco – Acre

2011

MARILIA BOMFIM MELO GONÇALVES

**“A PRÁTICA DA NARRATIVA ORAL E OS JOGOS (TEATRAL E DRAMÁTICO).”**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a \_\_\_\_\_ sob a orientação do (a) professor (a) Mestre. Fernando Martins.

**Rio Branco-AC, 13 de dezembro de 2011.**

---

**Professora Mestre Jonas de Lima Sales**

---

**Professora Mestre Cyntia Carla Cunha Santos**

Dedico este trabalho a meu filho José Neto,  
a quem amo mais do que tudo nessa vida.

## AGRADECIMENTOS

O sonho de ser professora de Teatro foi alcançado porque consegui ricos parceiros neste percurso. Meus sinceros agradecimentos:

Ao meu orientador, professor Ms. Fernando Martins, por me apontar caminhos, com a competência que lhe é peculiar;

Aos professores, técnicos, alunos e tutores do Curso de Teatro da UAB/UnB, por me proporcionarem momentos de aprendizagem que refletiram em meu enriquecimento pessoal e profissional;

À Equipe do Pólo de Rio Branco, em especial aos tutores presenciais Úrsula Maia e Marco Lenísio, pela garra e profissionalismo;

À todos os contadores de Histórias do Centro de Multimeios e da Casa de Leitura Chico Mendes que fizeram parte dessa pesquisa. Estar com eles foi um privilégio, uma alegria e aprendizado.

À Lú, Fátima e Teca, incentivadoras nos momentos difíceis;

Ao Dinho Gonçalves, meu alicerce e presença constante em todos os meus passos;

À minha mãe, Loló, por me contar e me fazer viver belíssimas histórias na minha infância, momentos inesquecíveis de amor e cumplicidade.

Além da singularidade de sua palavra, a poética dos contadores de histórias - próprio do estilo oral - é constituída pela performance que, ao mesmo tempo que é um elemento, é também, o principal fator constitutivo dessa poética.

Gislayne Avelar Matos (2005).

## RESUMO

O presente trabalho analisa alguns aspectos da narrativa oral, assim como a importância dos Jogos Teatrais e Dramáticos para o ofício do contador de histórias. Saliendo a narrativa oral como importante transmissora dos saberes da cultura popular e destacando o narrador ou contador de histórias como agente fundamental para manter viva esta tradição milenar. O desempenho do contador de histórias depende de sua voz, gestos, olhares e pausas, elementos que tornam a palavra mais significativa para quem escuta. Neste trabalho, destaca-se também a escrita, a difusão da informação e o aparecimento do romance como fatores responsáveis pelo enfraquecimento da tradição oral em alguns períodos da história. Diante disso, potencializar as habilidades do narrador de histórias torna-se importante para manter viva a oralidade no meio urbano e tecnológico em que vivemos. A tese defendida é a que a prática de Jogos Teatrais e Dramáticos desenvolve várias habilidades em quem os pratica, e, portanto, pode contribuir para melhorar o desempenho do contador de histórias. Partindo desta premissa foi realizada uma Oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos para contadores de história que atuam no Centro de Mídias/SEME e na Casa de Leitura Chico Mendes, instituições que consideram a contação de histórias como importante incentivadora ao hábito de ler. Na oficina, buscou-se articular experiências vivenciadas no grupo de teatro em que atuo como atriz juntamente com os conteúdos discutidos nos encontros presenciais promovidos pelo Curso de Licenciatura em Teatro UAB/UnB. Com essa atividade foi possível apontar os Jogos Teatrais e Dramáticos como elementos capazes de proporcionar maior segurança na hora do conto, além de facilitar a dicção, concentração e expressão corporal dos contadores de histórias.

**Palavras-Chave:** Narrativa Oral, Jogos Teatrais, Jogos Dramáticos, Contador de Histórias

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Quadro Funcional do Centro de Multimeios/Biblioteca Pública Municipal .....	20
QUADRO 2 - Quadro Funcional da Casa de Leitura Chico Mendes/Biblioteca Pública Estadual.....	22
QUADRO 3 - Exemplo de Jogo Teatral.....	25
QUADRO 4 - Exemplo de Jogo Dramático .....	25
QUADRO 5 - Depoimentos dos Sujeitos da Pesquisa .....	28



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1. CAPÍTULO I : A TRADIÇÃO ORAL .....</b>	<b>12</b>
<b>2. CAPÍTULO II : A NARRATIVA ORAL NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE RIO BRANCO/AC.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Centro de Multimeios .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Casa de Leitura Chico Mendes .....</b>	<b>21</b>
<b>3. CAPÍTULO III: O JOGO TEATRAL .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos para Contadores de História.....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

### ***Para começo de conversa...***

O contato com alguns projetos de Contação de Histórias em Rio Branco, Acre, e a constante atividade teatral relacionada ao Grupo do Palhaço Tenorino – GPT, desde 1991, motivaram uma reflexão profunda que orientará o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, que pretende investigar a arte da narrativa oral.

O objetivo é argumentar ou identificar até que ponto a prática de Jogos Teatrais e Dramáticos pode desenvolver habilidades ou capacidades nos contadores de histórias contemporâneos para, eventualmente, potencializar a *performance*<sup>1</sup> com o texto diante do público.

Em Rio Branco, há um forte movimento de Contação de Histórias em espaços institucionais com o objetivo de incentivar o contato de crianças e adolescentes com a leitura e os livros. Dentre esses espaços é possível destacar o trabalho realizado, desde 2003, no Centro de Mídias da Secretaria Municipal de Educação – SEME. O Mídias é um setor da Secretaria que desenvolve projetos de incentivo à leitura, junto aos alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Outro setor público de Rio Branco que trabalha diariamente com Contação de Histórias para motivar uma aproximação dos estudantes em formação com o hábito da leitura é a Casa de Leitura Chico Mendes, vinculada à Biblioteca Pública Estadual.

No entanto, os contadores de histórias que atuam em espaços públicos como escolas, bibliotecas e casas de leitura em Rio Branco, normalmente não reconhecem sua prática como uma atividade cênica. Há sempre um desejo de evidenciar as fronteiras entre a contação de histórias e a atividade de atuação teatral. Durante oficinas, ou mesmo em conversas informais com esses contadores, é comum surgir a discussão sobre até que ponto determinada apresentação de contação de histórias é - ou não é - teatro.

---

<sup>1</sup> Durante esse trabalho a palavra *performance* deve ser compreendida como “desempenho”, e não, como uma linguagem artística.

De fato, as contações de histórias realizadas diariamente nos espaços públicos da cidade não possuem caráter de apresentações teatrais, apesar de, evidentemente, possuírem algumas características cênicas. Em outras palavras, quem conta uma história tem consciência de que está diante de uma platéia, podendo conseguir sua atenção, ou não. O texto é cuidadosamente estudado e, em muitos casos, memorizado na íntegra. O que se apresenta é previamente ensaiado e o profissional sabe que a realização de uma boa performance pode garantir a eficácia das propostas de atingir o público alvo.

Concomitantemente a tal reflexão, surge a atuação como atriz no GPT. O grupo atua no movimento teatral de Rio Branco, proporcionando inúmeras atividades artísticas e também de formação para atores, com o objetivo de aperfeiçoar o trabalho cênico, bem como a difusão de conhecimentos técnico-metodológicos que circulam no campo dos estudos teatrais. O reconhecimento da importância dos Jogos Teatrais e Dramáticos para o ensino e aprendizagem de preceitos que sustentam a atividade de atuação no teatro surgem, em tal contexto, como fonte de inquietação sobre a atividade de Contação de Histórias. Esses preceitos básicos para a atuação como foco, consciência espacial, noções rítmicas e improviso, tão presentes na prática dos Jogos Teatrais e Dramáticos, podem auxiliar o Contador de História no ofício de sua atividade profissional? Quem pode praticar Jogos Teatrais e Dramáticos? É necessário se entender como ator para participar desse tipo de atividade?

Assim, este trabalho pretende tecer argumentos que, ao final, possam diluir essas fronteiras que existem entre a atividade teatral e a Contação de História em espaços institucionais. De algum modo, esta pesquisa objetiva discutir que a prática de Jogos Teatrais e Dramáticos pode contribuir com a maior consciência da atividade cênica, localizando a Contação de História, no quadro apresentado, como uma modalidade performática dentro das possibilidades de atuação direta com o público. Para tanto, o trabalho será dividido em dois grandes eixos discursivos da seguinte maneira:

**EIXO 1:** contextualização histórica da narrativa oral. A sessão evidenciará um recorte sobre a atividade da Contação de História em espaços institucionais, apresentando o objeto de estudo desse trabalho.

**EIXO 2:** contextualização dos Jogos Teatrais e Dramáticos. Aqui, pretende-se ampliar o conceito dos Jogos Teatrais e Dramáticos, bem como tecer argumentos sobre seus fundamentos e objetivos específicos.

O cruzamento dessas sessões proporcionará uma enorme discussão sobre essas atividades. No entanto, o desenvolvimento desta pesquisa não tem a pretensão de ensinar as pessoas a contarem história, muito menos desabilitar aqueles que já o fazem sem contato direto com o teatro. O objetivo principal é alimentar a curiosidade e a pesquisa no campo dos estudos teatrais. Vale destacar que o trabalho de conclusão de curso se configura como uma ótima oportunidade de se buscar respostas, ou mais perguntas, para as dúvidas, anseios e motivações do aluno em fase de formação. Assim, acreditamos que o educando do curso de Licenciatura em Teatro deve optar em investigar o que possa enriquecer sua prática como artista ou educador.

## **CAPÍTULO I**

### **1. A TRADIÇÃO ORAL**

A narrativa oral é uma tradição milenar que, ao longo do tempo, transmitiu saberes entre as gerações. Assim, engana-se quem pensa que se trata de uma atividade menor ou de uma conversa para entreter pessoas. A hora do conto é também um momento de encontro entre gerações para trocas de experiências. A partir destes princípios, a tradição oral pode ser definida como um testemunho verbal de quem realmente somos. É um testemunho vivo da cultura de um povo, transmitida através dos tempos.

Sendo assim, é possível estabelecer alguns parâmetros gerais que podem definir a tradição oral em diferentes culturas, uma vez que algumas características são compartilhadas por diferentes povos. Em princípio, podemos destacar que a narrativa oral se estabelece através do contato interpessoal. Ou seja, baseia-se no encontro entre indivíduos, ocorre a partir de noções de coletividade. Além disso, carrega em si mesma valores agregados que são relacionados à cultura de um povo. E também por isso, sustenta-se a partir da riqueza histórica local, promovendo inúmeras reflexões sobre a autoestima e identidade de um grupo.

A tradição de narrar histórias, durante muito tempo, esteve presente tanto nas sociedades agrárias como nas urbanas, quando era comum o momento do conto em família. Pais e avós sentavam-se para narrar lendas, fábulas, histórias de príncipes e princesas e suas próprias experiências, transmitindo aos filhos e netos valores e conhecimentos num clima lúdico, repleto de imaginação. “Era uma vez...” configura-se como um verdadeiro portal para que os seres humanos compartilhem da aventura de transcender o tempo e o espaço.

A milenar tradição refletida na configuração dos grandes mestres e seus discípulos também alimenta nosso imaginário para o reconhecimento da narração como um meio eficaz de transmissão de saberes e conhecimentos, além de cultura e valores sócio-culturais. É possível dizer, inclusive, que as noções a respeito de autoridade também apresentam ligações intrínsecas com o desempenho da fala, através da arte de narrar.

Mas, afinal, quem pode contar histórias? Que habilidades o indivíduo precisa possuir para se tornar um bom contador? Walter Benjamin<sup>2</sup> considera como elementos essenciais à arte do narrador a experiência passada de pessoa para pessoa, o senso prático e utilitário de pessoas que sabem aconselhar, e a característica artesanal, onde o narrador imprime suas próprias características no conto:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Benjamin identifica como “a marca do narrador” aqueles valores pessoais que contaminam a história ou o conto, com a finalidade de impregnar o ato da narração com a singularidade característica de cada narrador. Ou seja, cada história terá um número infinito de versões tantos quantos forem os narradores que a contarem.

Assim, um conto nunca está pronto e acabado, mas aberto para que cada narrador imprima nele sua maneira de ver o mundo. Por isso, um mesmo conto poderá ser contado por várias pessoas, em diferentes culturas, sem nunca se repetir. A riqueza dos contos é transmitida ao ouvinte através do desempenho singular de cada narrador, que carrega consigo sua concepção de vida, impregnado na sua voz e, por consequência, no seu gesto, no seu olhar e, até mesmo, no silêncio de suas pausas.

De fato, a complexa ligação que se estabelece entre a voz de quem narra um acontecimento e os efeitos dessa narração sobre um grupo de pessoas transpassa o mero reconhecimento da história ou o simples entendimento da língua falada no ato da contação. As relações entre a tradição oral e os vínculos com o poder afetivo da voz e da fala são temas profundamente abordados nas pesquisas de Paul Zumthor<sup>3</sup>. Inicialmente, o autor indica que:

---

<sup>2</sup> (Berlim, 15 de julho de 1892 – Portbou, 27 de setembro de 1940). Ensaísta, crítico, literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão.

<sup>3</sup> (5 de agosto de 1915 - 11 de janeiro de 1995) Historiador, medievalista literário e lingüista.

O que se conhece por tradição oral de um grupo social é formado por um conjunto de intercâmbios orais ligado a comportamentos mais ou menos codificados, cuja finalidade básica é manter a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva sem as quais o indivíduo estaria abandonado à sua solidão, talvez ao desespero (ZUMTHOR, 1985, p.4).

Zumthor explica que os fenômenos relacionados à voz são muito mais complexos do que os conteúdos manifestos que a palavra transmite através da língua. A voz comporta, além dos conteúdos de uma língua, outros sentidos - latentes, que podem sintetizar a manifestação dos sentimentos, experiências e pensamentos do narrador que, por sua vez, traz consigo a cultura de um povo que representa ou que se faz referência. Com relação à voz Zumthor declara:

Pois a voz, de fato, é mais que palavra. Sua função vai além de transmitir a língua. (...) E mais ainda – não pode haver dúvida de que a voz é uma forma arquetípica no inconsciente humano, imagem primordial e criadora, energia e configuração de traços que predispõe as pessoas a certas experiências, sentimentos e pensamentos. (ZUMTHOR, 1985, p.7).

Ao se discutir o poder da voz humana e seu papel na configuração das dinâmicas da contação de histórias é possível refletir a respeito das características que definem a experiência receptiva daqueles que contemplam a narração. Com relação à participação do ouvinte, Regina Machado<sup>4</sup> explica que:

O contar histórias e trabalhar com elas, como uma atividade em si, possibilita um contato com constelações de imagens que revela para quem escuta ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiência. (...) Os contos tradicionais acordam essas imagens internas, de qualquer modo guardadas, mas esquecidas. (MACHADO, 2004, p.27).

Para além do resgate dessas “imagens internas”, conforme indica a autora, o ouvinte se configura como uma ponte de perpetuação de uma tradição esquecida. De fato, a partir dos ecos produzidos pelas histórias ouvidas é que se pode estabelecer uma relação de continuidade com os valores definidos na tradição de um povo.

De acordo com Gislayne Avelar Matos<sup>5</sup>, “os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a

---

<sup>4</sup> (São Paulo, 1950) Escritora, pesquisadora da narrativa oral e contadora de histórias.

<sup>5</sup> (Minas Gerais, 07 de junho de 1953) Escritora, Educadora pela FUMEC, Contadora de histórias e formadora de novos contadores de histórias. Coordenadora do curso de pós-graduação do IEC PUC-Minas..

si mesmos” (2007, p.1). Para ela, a maior tarefa do contador é preservar os conhecimentos armazenados como histórias que serão, mais tarde, contadas em todos os lugares aonde houver pessoas dispostas a ouvir. E, talvez assim, essa dinâmica consiga favorecer o reconhecimento daqueles saberes que assumem a forma de contos e fábulas, para então valorizar a autoridade da tradição de um povo que, por assim dizer, define a relação desses indivíduos com o mundo ao redor.

De algum modo, as contribuições de Matos podem nos ajudar a compreender que os fenômenos relacionados à narrativa oral não parecem se esgotar com o tempo. É importante considerar que se esses fenômenos não acabaram, eles sofreram influências que afastaram essa atividade do dia-a-dia das pessoas, alterando nossa relação com a fala, com a escuta e com o que entendemos hoje por conhecimento.

É possível retornar às contribuições de Benjamim, uma vez que o autor, além de reconhecer um enfraquecimento dos fenômenos relacionados à narração, aponta reflexões que consideram alguns fatores que influenciaram essas transformações. O autor indica inicialmente que:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embarço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1994, p. 197).

Um dos motivos que afastaram o homem da narrativa oral, segundo Benjamin, foi primeiramente o surgimento do romance. Isso parece indicar que, como o acesso às histórias independe de um interlocutor, a experiência com o romance substitui o contato interpessoal coletivo. Ou seja, uma vez que os contos e fábulas aparecerem representados em forma escrita, a sociedade passa a ter acesso à contação de histórias através de um objeto estático: o livro.

A interação coletiva baseada na oralidade é substituída pela experiência solitária e isolada da leitura de um romance que, uma vez escrito, submete a contação de histórias ao *status* de algo com menor valor agregado. Existe um sistema formatado para a valorização da escrita, infelizmente, em detrimento da narrativa, como se esses fenômenos não pudessem existir num mesmo tempo e



espaço, como se cada uma dessas atividades não possuísse seus valores. Segundo o autor:

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. (...) A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los (BENJAMIN, 1994, p. 201).

É possível fazer uma ponte entre as contribuições de Benjamin e as indicações apontadas por Marshall McLuhan, que identifica o desenvolvimento da imprensa e do homem tipográfico como fator decisivo na mudança de percepção humana em relação aos fenômenos vinculados à visão e à audição. O foco torna-se a visão, reduzindo a experiência auditiva de modo geral. De acordo com ele, “a assimilação e interiorização da tecnologia do alfabeto fonético translada o homem do mundo mágico da audição para o mundo neutro da visão” (MCLUHAN, 1972, p. 40).

Para tentar melhor entender as afirmativas de Benjamin e as reflexões promovidas por McLuhan, podemos recorrer ao filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, lançado no Brasil em 2003.

No filme, os moradores do Vale de Javé se deparam com a necessidade de usar a escrita para apresentar o seu vilarejo como um patrimônio cultural, e assim impedir que suas terras fossem inundadas. Para ouvir e escrever as memórias das pessoas do vilarejo, o povo escolhe Antônio Biá, o único morador alfabetizado.

Ao narrar a história de seu povo, os moradores de Javé sentem-se motivados a contar sua versão, ou seja, narram a partir do seu ponto de vista, dando ênfase naquilo que consideram importante. Até aquele momento, as várias histórias de Javé conviviam em um mesmo lugar. Mas, no momento em que decidem escrever suas memórias, os conflitos aparecem, pois cada morador tenta fazer prevalecer sua verdade. A escrita parece admitir apenas uma única visão de mundo e, quem escreve, torna-se, portanto, um morador isolado e excluído, como aconteceu com Antônio Biá.

A escrita e o desenvolvimento do romance aparecem como primeiros fatores para justificar o enfraquecimento da tradição oral, mas Benjamin apresenta um segundo fator que contribui com a crescente desvalorização da narrativa: a difusão da informação. De acordo com o autor:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Podemos crer ainda que as afirmativas de Benjamin sobre a velocidade da informação são mais profundas do que parecem, pois ele ainda não se referia ao mundo virtual que atualmente conhecemos e vivenciamos. As redes sociais, blogs e websites, ou seja, a internet e todo o universo tecnológico da informação isolam cada vez mais o homem contemporâneo e baseiam seu sistema de comunicação em ferramentas que valorizam a escrita como principal meio de contato e interação.

Entretanto, mesmo vivendo numa realidade que acentua o distanciamento das relações interpessoais, podemos observar atualmente um movimento de valorização da narrativa oral. No livro “O Ofício do Contador de Histórias”, Matos menciona a Inglaterra como a primeira a testemunhar esse fenômeno na Europa, e relaciona esse reaparecimento do contador de histórias e a volta da valorização da oralidade no meio urbano, como uma reação ao mundo tecnológico ao qual estamos imersos.

A autora reconhece que no Brasil, principalmente no meio rural, a oralidade ainda é responsável pela transmissão de conhecimento, local em que “o conto e os contadores não chegaram a desaparecer por completo” (2007, p.xx). O que surpreende, continua a autora, é que “nos grandes centros urbanos, onde o contador de histórias parecia ter deixado a cena definitivamente, podemos identificar, por volta dos anos de 1990, o seu reaparecimento”.

Matos relata a experiência de Belo Horizonte: contadores de histórias, nesse mesmo período, formaram-se, progressivamente, dentro das bibliotecas públicas. E foi também a partir de iniciativas dessas instituições que surgiu o primeiro Festival de Contadores de Histórias.

Regina Machado também reconhece que os velhos contadores de histórias estão desaparecendo enquanto, paradoxalmente, nos grandes centros urbanos aparecem mais pessoas que se dedicam a essa arte em ambientes institucionalizados como escolas, hospitais e bibliotecas. Para explicar esse fenômeno Machado explica:

É nesse caos de começo de milênio que a imaginação criadora pode operar como a possibilidade humana de conceber o desenho de um mundo melhor. Por isso, talvez a arte de contar histórias esteja renascendo por toda parte. Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrola trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (MACHADO, 2004, p.15).

Essa necessidade de contar e ouvir histórias que faz renascer um novo contador também está presente na cidade de Rio Branco. Assim como em outros lugares, as bibliotecas, com seus projetos de leitura, foram as primeiras a incentivar esse movimento. Projetos como o Mala de Leitura, desenvolvido pelo Centro de Mídias e o Painel de Leitura, desenvolvido pela Biblioteca Estadual, deram os primeiros passos para a formação desse novo profissional.

Dentre os projetos que utilizam a narrativa oral como forma de incentivar à leitura, destacam-se os trabalhos realizados pelo Centro de Mídias e da Casa de Leitura Chico Mendes, detalhados no capítulo a seguir.

## **CAPÍTULO II**

### **2. A NARRATIVA ORAL NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DE RIO BRANCO/AC**

#### **2.1. Centro de Multimeios**

O **Centro de Multimeios** é um setor da Secretaria Municipal de Educação do Município de Rio Branco – Acre, criado no ano de 1994. Seu objetivo é incentivar a leitura e a apreciação artística, contribuir com as vivências e experiências escolares, estimulando o desenvolvimento do intelecto e da criatividade dos alunos. Oportuno ressaltar que todas as atividades configuram-se como projetos de extensão da Biblioteca Municipal de Rio Branco que fica localizada nas dependências do Centro de Multimeios.

As ações acontecem nas dependências do Centro e também de maneira itinerante, circulando em escolas municipais e estaduais gerenciadas pedagogicamente pela Secretaria Municipal de Educação - SEME. Além disso, os projetos atendem pontualmente às solicitações e parcerias de outros órgãos e entidades do município.

Todos os dias, o Centro de Multimeios recebe cerca de 50 crianças dos níveis I e II (4 e 5 anos, respectivamente) das diversas escolas da Educação Infantil do município de Rio Branco. As crianças visitam o Centro na companhia dos professores, participando de recreação dirigida, brinquedo cantado, roda de leitura, contação de histórias, sessões de cinema e jogos educativos no laboratório de informática. Esse projeto é denominado de “Brinquedoteca”.

Existem outros projetos, como “Mala de Leitura”, que empresta títulos da Literatura Infantil e orientações pedagógicas para as escolas da Zona Rural e Urbana que não possuem acervo suficiente. As Malas de Leitura são trocadas de dois em dois meses e, no dia da entrega ou troca das malas, é realizada - in loco - uma apresentação artística, podendo ser teatro, cinema ou contação de história.

A “Ciranda de Leitura” é um projeto itinerante que leva às escolas de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, apresentações artísticas em diferentes linguagens, como cinema, teatro, contação de histórias e exposição de Artes Visuais com obras de artistas acrianos.

No ano de 2010, as ações do Centro de Multimeios alcançaram um público de 30.369 (trinta mil, trezentos e sessenta e nove) pessoas. Para todas essas ações, a entidade dispõe de equipes compostas por músicos, atores e contadores de histórias. O Centro conta com o seguinte quadro de funcionários:

**QUADRO1 - Quadro Funcional do Centro de Multimeios/Biblioteca Pública Municipal**

<b>Centro de Multimeios da Secretaria Municipal de Educação/ Biblioteca Pública Municipal</b>			
<b>Projeto Brinquedoteca</b>			
<b>Participantes</b>		<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
1.	Cláudia Maria	Pedagogia	6 anos
2.	Misslene Almeida	Jornalismo	2 anos
3.	Francisca Osvalderina	Pedagogia	2 anos
4.	Leuda Maria	Ensino Médio Completo	6 anos
5.	Manoel Freire	Licenciatura em Matemática	8 anos
6.	Sandra Lipke	Pedagogia	19 meses
<b>Projeto Mala de Leitura e Atendimento ao Público na Biblioteca Municipal</b>			
<b>Participantes</b>		<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
7.	Tevelinda Abreu	Letras	17 anos
8.	Selma Marques	Letras	8 anos
<b>Projeto Ciranda de Leitura</b>			
<b>Participantes</b>		<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
9.	Ione Soares	Pedagogia	6 anos
10.	Tanaka Oliveira	Ensino Médio Completo	7 anos
11.	Lázara Campos	Letras Espanhol	11 anos
12.	Alexandre Anselmo	Artes Visuais	17 meses
<b>Coordenação</b>			
<b>Participantes</b>		<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
13.	Marilia Bomfim	Pedagogia/Teatro (Cursando)	8 anos
14.	Fátima Araújo	Pedagogia	17 anos
15.	Lusiane Oliveira	Pedagogia	6 anos
<b>Restauração de Acervo</b>			
<b>Participantes</b>		<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
16.	Marilete Mourão	Pedagogia	10 anos
17.	Gorete Areal	Pedagogia	05 anos

Além dos servidores efetivos da Secretaria Municipal de Educação que trabalham diretamente com os projetos, a SEME disponibiliza serventes, porteiros, vigias e um zelador para a segurança e manutenção do espaço. O Centro mantém parcerias com instituições de incentivo a cultura, tornando possível a coordenação das ações do Coral Municipal Infantil Boca Pequena e Telecentro Comunitário que oferece internet gratuita a comunidade. O Coral Infantil Boca Pequena, atualmente é formado por 40 (quarenta) alunos da Escola Municipal Maria Lúcia Marin e, para seu funcionamento, conta com músicos, regentes voluntários e alunos estagiários do curso de música da Universidade Federal do Acre. Disponibiliza-se também, para o público em geral, uma Biblioteca Municipal com acervo significativo.

## **2.2 Casa de Leitura Chico Mendes**

A Biblioteca Pública Estadual, gerenciada pela Fundação de Cultura Elias Mansour que, por sua vez, está ligada à Secretaria Estadual de Educação, mantém vários espaços de leitura na cidade de Rio Branco, assim como em todos os municípios do Acre. Esses espaços buscam popularizar a leitura junto às comunidades, disponibilizando acervo literário de escritores brasileiros, além da literatura acreana e amazônica.

Entre esses espaços está à Casa de Leitura Chico Mendes, inaugurada no dia em 24 de janeiro de 2005, localizada na Rua Gregório Filho, Nº 80, Bairro Chico Mendes. O espaço é visitado por moradores do bairro e por alunos de escolas adjacentes. O espaço também é utilizado por alunos para a realização de pesquisas e empréstimos de livro.

Os Agentes de Leitura que trabalham na Casa desenvolvem atividades educativas e culturais como canções populares, brincadeiras tradicionais, contação de histórias, oficinas de práticas leitoras e leitura livre. No ano de 2010, cerca de setecentas pessoas tiveram acesso a essas atividades

Em entrevistas com os agentes de leitura que trabalham no projeto, descobrimos que a maioria considera o espaço acolhedor. A única dificuldade encontrada para o desenvolvimento das ações é a falta de pavimentação na rua onde está situada a Casa. Isto dificulta um maior acesso do público, principalmente no período as chuvas.

Segundo a Coordenadora Maria Antônia, o trabalho é muito gratificante, principalmente porque é possível acompanhar as mudanças que ocorrem nas crianças que participam das atividades. “É lindo ver as crianças se tornando leitoras e logo em seguida, já querem fazer versos e escrever suas próprias histórias”, relata Antônia.

Indagada sobre a idéia da criação da Casa de Leitura Chico Mendes, Maria Antônia relatou que o projeto nasceu durante a visita do presidente da Fundação Elias Mansour, Gregório Filho, ao bairro Chico Mendes. Na oportunidade, Filho ficou surpreso por saber que existia ali uma rua com o seu nome. “Em um cantinho da Rua Gregório Filho, lá estava uma pequena casa de madeira abandonada com uma placa onde se registrava: Vende-se”, confessou. Conversando com os moradores do lugar surgiu o desejo de transformar a casa em centro gerador de cultura, com acervos, oficinas e palestras direcionadas ao mundo da leitura. O projeto recebeu a adesão de políticos e empresários do estado e o espaço foi doado à Fundação Elias Mansour. E, assim, a casa tornou-se “espaço de leitura para o público infanto-juvenil do Bairro Chico Mendes, na periferia de Rio Branco (...) é um lugar para ler não só o texto, mas o gesto, o som e a imagem (...) lugar da arte, da cultura e da educação”, afirma Maria Antônia.

Abaixo, disponibilizamos quadro com informações sobre as pessoas que prestam serviços na Casa:

QUADRO 2 - Quadro Funcional da Casa de Leitura Chico Mendes/Biblioteca Pública Estadual

<b>Casa de Leitura Chico Mendes/Biblioteca Pública Estadual</b>			
	<b>Participantes</b>	<b>Formação</b>	<b>Tempo de Atuação</b>
1.	Cherrystone Mendes	2º ano do Ensino Médio	4 meses
2.	Francisca Thayrine	Pedagogia (em andamento)	1 mês
3.	Jarde Silva	Licenciatura em Música (em andamento)	5 meses
4.	Madelene Gomes	Pedagogia (em andamento)	13 meses
5.	Maria Antônia	Ciências Sociais	7 anos
6.	Quilrio Farias	Artes Cênicas (em andamento)	3 meses
7.	Maria Antônia	Ciências Sociais	7 anos

A Coordenadora da Casa é servidora efetiva da Secretaria Estadual de Educação. Os Agentes de Leitura são estagiários que permanecem no projeto em um período máximo de dois anos.

Diante do aumento da demanda que pugna por um profissional que trabalhe especificamente com a narrativa e também da busca desses profissionais por cursos de capacitação, surge a idéia de aproximar o contador de histórias dos Jogos Teatrais e Dramáticos. Portanto, o próximo capítulo será destinado a contextualizar os Jogos Teatrais e Dramáticos, com o intuito de identificar as contribuições dessas atividades para aqueles que atuam como contadores de histórias.



## CAPÍTULO III

### 3. O JOGO TEATRAL

O Jogo Teatral contribui para o processo de humanização, pois pode aprimorar a capacidade humana de transmitir conhecimentos e emoções e, portanto, sua prática não deve limitar-se apenas ao ator. Também pode atuar efetivamente para o desenvolvimento pessoal e corporal do sujeito, colaborando para destacar a expressividade das palavras e dos sentimentos, habilidades necessárias ao contador de histórias.

Algumas disciplinas da Licenciatura em Teatro discutiram sobre o Jogo Teatral e Dramático, entre elas: Projeto Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem 1 - Jogos Teatrais e Dramáticos; Estágio Supervisionado em Teatro 3; Pedagogia do Teatro 2 e Laboratório de Teatro 1.

Esta última, idealizada e organizada pelo professor Dr. César Lignelli<sup>6</sup>, disponibilizou um rico material em vídeo, denominado “O Facilitador de Jogos Teatrais e Dramáticos”, contendo conceitos sobre os Jogos Teatrais e Dramáticos, propondo um caminho para elaborar e facilitar oficinas, esclarecendo a importância dessa atividade em diferentes contextos.

Recorrendo a esse material, compreendemos que os Jogos Teatrais e Dramáticos se constituem em procedimentos lúdicos com regras explícitas. O que diferencia um do outro é que, no Jogo Dramático, todos juntos realizam as ações a partir do comando do facilitador enquanto que, no Jogo Teatral, o participante atua ora como jogador, ora como observador da ação. Essa diferenciação podem ser melhor compreendida nos quadros a seguir.

---

<sup>6</sup> Professor do Departamento de Artes Cênicas da UNB, pesquisador, ator, compositor e diretor musical.

### QUADRO 3 - Exemplo de Jogo Teatral

Jogo Teatral	Porque jogá-lo?/ O que proporciona?	Problemas Potenciais ou Desafios.
<p><b>Formação: em trios</b>  <b>Cenas com movimentos e sons:</b>  <b>Passo 1:</b> pedir aos participantes que cada um pense em um movimento curto e em seguida em um som associado a este movimento.  <b>Passo 2:</b> pedir para que se organizem em trios e que mostrem entre os seus movimentos e sons para que possam relacioná-los.  <b>Passo 3 :</b> Cada trio pode mostrar para os outros a sua pequena cena. Lembrem-se: a proposta aqui é que um termine de fazer seu som e movimento e que o outro comece em seguida, não são todos realizando simultaneamente nos trios. De outro modo pode ficar parecendo uma máquina e não é esta a proposta.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pode ser divertido;</li> <li>• Estimula a imaginação;</li> <li>• Introduz algum nível de contra-cena;</li> <li>• Dissociação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De um modo geral, não identifico nenhum problema em potencial latente neste jogo.</li> </ul>

FONTE: Jogo Vivenciado na Oficina Presencial para Alunos da Turma UAB2, Pólo de Rio Branco - AC.

### QUADRO 4 - Exemplo de Jogo Dramático

Jogo Dramático	Porque Jogá-lo?/ O que Proporciona?	Problemas Potenciais ou Desafios.
<p><b>Forró de costa</b>  O grupo se divide em dupla. Uma pessoa fica de fora. Ao som de forró, dançar de costa com o colega buscando um único ritmo. Distribuir-se pelo espaço. Quando troca a música, trocar de parceiro e a pessoa que ficou de fora, entra no jogo. A cada troca de música uma pessoa fica sem parceiro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Concentração;</li> <li>• Cumplicidade entre os participantes;</li> <li>• Permite o contato físico;</li> <li>• Noções de ritmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguir encontrar o mesmo ritmo que do colega;</li> <li>• Permanecer com um parceiro no jogo, sem ficar de fora da dança.</li> </ul>

FONTE: BOAL, Augusto. 200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não-Ator com Vontade de Dizer Algo através do Teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

Ainda segundo Lignelli “Nesta atividade, os participantes não precisam possuir talentos cênicos e nem sequer ter tido contato anterior com a linguagem”. O pré-requisito para vivenciar os jogos é estar disposto a experimentar a proposta e interagir com o grupo.

Lignelli afirma que entre as finalidades do jogo na educação formal e informal inclui-se “a emancipação do sujeito e o desenvolvimento cultural dos jogadores. Isso, por meio do domínio da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica”.

Assim, partindo do princípio de que a prática dos jogos desenvolve várias habilidades em quem os pratica, surgiram questionamentos como: os Jogos Teatrais e Dramáticos podem ser úteis para as pessoas que trabalham com a atividade de narrar histórias? Praticar Jogos Teatrais ou Dramáticos pode aumentar a percepção do gesto no contador? A relação com a palavra falada e a percepção espacial também podem ser ampliadas com esses procedimentos lúdicos?

Portanto, tendo como ponto de partida estas questões, foi planejada uma Oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos para contadores de histórias que já atuam nos projetos apresentados anteriormente. Essa oficina proporcionou inúmeras reflexões que serão apresentadas no trecho a seguir.

### **3.1 Oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos para Contadores de Histórias**

A Oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos atendeu servidores do Centro de Multimeios da Secretaria Municipal de Educação e profissionais da Casa de Leitura Chico Mendes. É importante lembrar que a finalidade da oficina é coletar informações sobre a influência desses jogos na performance dos contadores de histórias que trabalham nesses espaços, isto é, salientar que os jogos podem desenvolver habilidades úteis ao ofício de contar histórias.

Não há a intenção de transformar o contador de histórias em ator, tampouco enaltecer essa distância ou esse debate, mas propiciar o enriquecimento dos meios de expressão deste profissional, tendo a expressão dramática como uma possibilidade a mais para melhorar seu desempenho como narrador.

A Casa de Leitura Chico Mendes foi selecionada para participar dessa pesquisa porque em seu quadro funcional tem contadores de histórias com pouco tempo de experiência. A escolha pelo Centro de Multimeios se deu exatamente pelo oposto, ou seja, os contadores de histórias possuem um tempo maior de trabalho

nessa área. Além disso, como foi demonstrado no capítulo II, essas instituições possuem um trabalho significativo na cidade de Rio Branco, configurando-se como referência na área.

A oficina foi realizada no período de 06 a 10 de junho de 2011, das 14 às 18 horas, tendo como orientação a disciplina de Estágio Supervisionado em Teatro 4, do Curso de Teatro da UAB/UnB. A metodologia da oficina foi concebida da seguinte maneira: rodas de conversa, alongamentos, Jogos Teatrais e Dramáticos, leituras compartilhadas e avaliações diárias das atividades.

A escolha dos jogos para compor a oficina não foi tarefa fácil, pois não foram encontrados autores com propostas para esse tipo específico de público. Por isso, busquei nos livros de Augusto Boal e Viola Spolin jogos que pudessem valorizar a interação do grupo, a criatividade, a expressão corporal e vocal. Nessa escolha, recorri também à memória das oficinas vivenciadas no GPT e nos encontros presenciais da UAB/UnB.

Durante a seleção, descobri que os Jogos Teatrais e Dramáticos trazem consigo muito mais que uma proposta a ser cumprida. Trazem, intrinsecamente, ideologias que precisam ser cuidadosamente analisadas.

Para não perder de vista a formação do contador de histórias, a oficina foi permeada por discussão através de textos informativos e contos que abordavam a valorização da oralidade, as características de um bom contador de histórias e como o conto de tradição oral se processa na mente de quem o escuta.

Estes textos foram escolhidos dos livros “Acordais - Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar História” de Regina Machado e “O Ofício do Contador de Histórias” de Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy.

Durante a oficina, em um ambiente descontraído, os participantes demonstraram disposição para o jogo, pontualidade e interesse nas discussões. No início dos trabalhos, solicitei aos participantes que registrassem, por escrito, as atividades e suas impressões sobre os encontros, para que, ao final, os dados pudessem compor um portfólio. De 10 (dez) participantes, apenas 05 (cinco)

entregaram esse material repleto de colagens, poesias, paródias e desenhos, além do registro da sequência diária dos trabalhos realizados em cada momento.

Alguns contadores de histórias claramente reconhecem a importância dos jogos para sua formação e a influência destes procedimentos em suas práticas, como podemos observar em suas falas transcritas no QUADRO 5:

QUADRO 5 – Depoimentos dos Sujeitos

Sujeitos	Depoimentos
1	Sinto-me envolvida pela capacidade que os jogos têm de despertar o ser brincante que existe em cada um de nós, (...) despertando sentimentos como coragem, ousadia e curiosidade.
2	As dinâmicas estão sendo ótimas e até divertidas, cujas técnicas de memorização, concentração e expressão de fato irão contribuir muito com as minhas dificuldades e limitações. Hoje, presto mais atenção no meu olhar, na minha fala e na minha expressão.
3	Nessa oficina o mais forte foi quando tive que usar a concentração para poder jogar da melhor forma possível com as palavras.
4	Através dos jogos, relaxamos, desenvolvemos nossa dicção, concentração, olhar, postura, memorização, interagimos com o outro, seja colega ou platéia.
5	Depois da oficina, na hora do conto aqui na casa, me sinto mais solto na frente das crianças. Estou mais atento à minha dicção e ao volume da minha voz. Antes eu usava bem o olhar e agora, reforcei esse detalhe tão importante.

Na semana posterior à oficina, os participantes voltaram às suas atividades normais. Voltaram a contar histórias para as crianças que visitam o Centro de Mídias e a Casa de Leitura Chico Mendes. Somente duas semanas após a oficina, realizei entrevistas com os participantes, com o objetivo de pesquisar em que aspectos a prática dos jogos contribuíram com suas atividades cotidianas.

As questões abordadas na entrevista serviram para sondar as impressões dos participantes quanto ao desempenho do facilitador, os pontos positivos e negativos da oficina, as maiores dificuldades encontradas e, principalmente, o que mudou na performance de cada contador.

De modo geral, as conversas coletivas com o grupo tiveram o mesmo norte. As pessoas chegaram a conclusões similares. A maioria dos servidores do Centro de Mídias, por exemplo, afirmou que os jogos proporcionaram maior segurança na hora do conto. Depois da oficina, eles ficaram mais atentos ao olhar e à dicção. Afirmaram também que os jogos aproximam as pessoas que trabalham juntas no dia-a-dia e, muitas vezes, não se tocam, nem se olham.

Os contadores da Casa de Leitura Chico Mendes relataram que a oficina superou suas expectativas. Os jogos, agora, fazem parte da dinâmica da casa. Eles praticam os jogos com as crianças que visitam o espaço diariamente.

Após a conversa coletiva, considerei prudente realizar entrevistas de forma individualizada e separada. Durante a conversa, conclui que para os participantes da oficina que possuem menos tempo de atuação como contadores de história, os Jogos Teatrais e Dramáticos mostraram-se bem mais eficientes, como foi relatado no QUADRO 5 pelos sujeitos 2 e 5.

Os participantes com mais tempo de experiência no ofício de contar histórias reconheceram a importância dos jogos e as habilidades adquiridas através deles para potencializar sua prática. A oficina se configura para este tipo de contador, como oportunidade para refletir o seu fazer, como demonstra a fala do sujeito 4.

Ministrar a oficina de Jogos Teatrais e Dramáticos para os funcionários do Centro de Múltiplos e da Casa de Leitura Chico Mendes foi experiência muito gratificante. A participação de todos nos jogos, as leituras e discussões a partir dos textos escolhidos foram de grande importância.

Fazer observações, conduzir os jogos, dar instruções, todo o processo aconteceu de forma prazerosa e educativa, pois a troca de conhecimentos entre os participantes trouxe a todos muito aprendizado. Para mim, uma experiência impar que poderá sempre revelar pistas para futuros estudos, como a realização da mesma oficina para agentes de leitura de outros espaços culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Serão apresentadas a seguir algumas considerações que resumem os aspectos apontados nesta pesquisa.

Tem-se em mente que o estudo possibilitou alimentar a curiosidade e a pesquisa no campo dos estudos teatrais, a partir de um olhar específico quanto à narrativa oral, os Jogos Teatrais e Dramáticos e a performance do contador de histórias, o que de forma alguma esgota as questões que foram aqui tratadas.

A prática dos Jogos Teatrais e Dramáticos podem fortalecer a performance do contador de histórias que atua em espaços institucionais. Os depoimentos dos participantes da oficina demonstraram que a familiaridade com o público e a desenvoltura na hora do conto pode ser alcançada a partir da vivência com os jogos.

Observe-se a premissa de que não houve neste trabalho a intenção de transformar o contador de histórias em ator. Nem tampouco ter a pretensão de sugerir aos contadores tradicionais caminhos para o aprimoramento de suas práticas. O trabalho foi direcionado especificamente para o novo contador que ocupa espaços institucionais.

É evidente que as experiências com os jogos propiciam a esse novo contador maior liberdade e segurança, dando-lhe a oportunidade de transitar livremente por suas manifestações internas fortalecendo a relação entre palavra, voz, gestos, percepção, emoção, concentração, memória e olhar.

A riqueza dos contos é transmitida ao ouvinte através do desempenho singular de cada narrador, que carrega consigo sua concepção de vida, impregnado na sua voz, gestos e em seu olhar e, simultaneamente, oferecendo a quem narra a possibilidade de cultivar momentos de recriação e reformulação pessoal a partir da relação narrador–narrativa–ouvinte.

Assim, a prática de Jogos Teatrais e Dramáticos permite o aperfeiçoamento da interação do “eu” com o “outro” através da percepção do corpo e de suas possibilidades.

Embora o ator e o contador de histórias tenham ofícios distintos, ambos possuem em comum o texto que pode estar escrito ou ser fruto de narrativas ouvidas e que, para chegar à platéia, precisa ser potencializado com as percepções, sentimentos e vivências de quem fala.

Também foi importante constatar que, quanto menos experiência o contador de histórias possui em seu ofício, mais valor dará aos jogos. O que nos leva a crer que a prática dos Jogos Teatrais e Dramáticos pode ser incluída na formação continuada e, preferencialmente, na formação inicial desses profissionais.

Sabemos que não existem muitos estudos que relacionam os temas abordados neste trabalho. Porém, tanto a narrativa oral, como os Jogos Teatrais e Dramáticos, por sua abrangência e importância, possibilitam um amplo leque de diálogos entre si. Espera-se, portanto, que esta pesquisa promova outros estudos, suscite outras inquietações que provavelmente servirão de motivação para um novo caminhar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOAL, Augusto. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e o Não-Ator com Vontade de Dizer Algo através do Teatro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa.** 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MATOS, Gislayne Avelar; SORSY Inno. **O Ofício do Contador de Histórias.** São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992
- MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** São Paulo. Ed. Editora Nacional, 1977.
- ZUMTHOR, Paul. **A Permanência da Voz,** O Correio, pp. 04-08. Rio de Janeiro, Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, ano 13, Nº 10, outubro 1985.

## REFERENCIAS AUDIOVISUAIS

- DUMONT, José et al. **Narradores de Javé.** Produção de Vânia Catani e Bananeira Filmes, Direção de Eliane Caffé, Brasil, 2003.
- LIGNELLI, César. **Laboratório de Teatro 1: o facilitador de jogos teatrais (aulas 1-3).** Brasília: UnB, 2007.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BORGES, Jorge Luis. **Esse Ofício do Verso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MARTINS, Fernando. **Teatro, Técnica, Desejo: aproximações ao conceito de personagem.** Dissertação de Mestrado, apresentada ao PPG - ARTE da Universidade de Brasília – UnB, 2011.

## ANEXOS

## ANEXO A – Depoimentos dos Sujeitos

### Sujeito 1- Ione Soares

Neste processo de aprendizagem coletiva, sinto-me envolvida pela capacidade que os jogos têm de despertar o ser brincante que existe em cada um de nós, e nos leva ao conhecimento profundo dessas linguagens artísticas, despertando-nos sentimentos como coragem, ousadia e curiosidade; sentimentos necessários ao espaço de experiências criativas no qual desenvolvemos nossas atividades. (...) Chegamos ao quinto e último dia desta maravilhosa oficina, que nos ajudou a desenvolver certas habilidades que os contadores de histórias tradicionais já possuem.

### Sujeito 2 - Francisca Osvalderina

Para mim, as dinâmicas estão sendo ótimas e até divertidas, cujas técnicas de memorização, concentração e expressão de fato irão contribuir muito com as minhas dificuldades e limitações.

A oficina me trouxe muita leveza, sensação de relaxamento. Chamou-me muito à atenção o domínio que você tem dos jogos. Eu desconhecia as dinâmicas, gostei dos jogos e já estou aplicando em uma turma de alunos da Educação Infantil, onde sou professora. Eles adoram! Eu gostaria de ter ouvido mais histórias. Os textos compartilhados foram muito importantes para que eu aprofundasse a essência da arte de contar histórias. Senti mais dificuldades nos jogos que exigia uma resposta imediata. Sou tímida, mas como conhecia a maioria das pessoas, me senti a vontade no grupo. Durante toda a oficina percebi que outras pessoas sofrem de timidez e nervosismo, assim como eu. Hoje, presto mais atenção no meu olhar, na minha fala e na minha expressão. Fiquei imaginando que essas dinâmicas também poderiam acontecer em outras áreas, em outros setores da Secretaria. Sobre o espaço da oficina, achei o Centro de Mídias mais acolhedor que o Teatro Plácido de Castro.

### Sujeito 3 - Misslene Almeida

Nessa oficina a imaginação foi à flor da pele. Sempre havia um desafio e o mais forte foi quando tive que memorizar e usar a concentração para poder jogar da melhor forma possível com as palavras.

### Sujeito 4 – Lázara Campos

Bom, para mim, a importância dos jogos teatrais para o contador de histórias é fundamental. Através dos jogos, relaxamos, desenvolvemos nossa dicção, concentração, olhar, postura, memorização, interagimos com o outro, seja colega ou platéia: e, por que não dizer? Faz muito bem para o bem estar do nosso corpo e mente.

A oficina foi ótima. O Teatro Plácido de Castro foi um ótimo local porque havia bastante espaço. A sala do Multimeios era pequena, mas havia ar-condicionado e a gente se sentia mais à vontade por ser nosso ambiente de trabalho. Avalio a professora como ótima. Não tive nenhuma dificuldade durante os jogos. Se utilizo o que aprendi na oficina durante a contação de história, não percebo, pois normalmente, estou atenta aos aspectos como projeção de voz, olhar e o gesto na hora do conto.

### Sujeito 5 - Jarder da Silva de Souza

A Oficina foi ótima. O espaço do Teatro Plácido de Castro me deixou intimidado. No Centro de Multimeios me senti mais à vontade. Achei a professora muito boa. Minha maior dificuldade durante os jogos foi a timidez. Senti dificuldades nos exercícios de improvisar histórias e fazer mímica. Depois da oficina, na hora do conto aqui na casa, me sinto mais solto na frente das crianças. Estou mais atento à minha dicção e ao volume da minha voz. Antes eu usava bem o olhar e agora, reforcei esse detalhe tão importante. Antes eu pensava que era mais simples e fácil contar histórias e agora sei que é difícil, mas é um desafio bom. Se houvesse mais tempo de oficina, com certeza me ajudaria mais. Agora, aqui na Casa Chico Mendes, nós incluímos os

jogos teatrais nas dinâmicas com as crianças. Acolhemos o público com música, depois fazemos os jogos, contamos histórias, tocamos um acalanto e por último, fazemos uma leitura compartilhada. Todos estão gostando dos jogos, pois eles nos libertam. As crianças também adoram.